

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: O LUGAR DO FEMININO NA IMPRENSA OITOCENTISTA BRASILEIRA

Nadilza M. de B. MOREIRA*
(UFPB)

RESUMO

O artigo em tela pretende trazer à tona uma memória jornalística feminina a cerca do papel e do lugar das mulheres na imprensa brasileira, notadamente na segunda metade do século XIX. Nosso corpus será as crônicas da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) publicadas na sua coluna Dois Dedos de Prosa que circulou por mais de trinta anos no jornal mais combativo da nossa República, O País (1884-1934).

Palavras-chave: Julia Lopes de Almeida; O País; escritoras oitocentistas.

"(...) a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura, logo depois acompanhado pelo da moda. Nos primeiros tempos, moda e literatura dividiam as atenções".
(BUIONE, D. S. 1986, p. 22)

A 10 de setembro de 1808 surgiu, oficialmente, a imprensa no Brasil com a circulação da *Gazeta do Rio de Janeiro* (Anexo: Ilustração 1) na capital tropical do império.

* A autora é professora do DLEM e atua no PPGL, com projeto de pesquisa em andamento, *Escritoras oitocentistas: Brasil e Estados Unidos*.

Entretanto, não era permitido aos súditos do rei, D. João VI, contatos com publicações na sua colônia mais importante. A novidade, por sua vez, era bem restrita, pois era produzida pela Imprensa Régia, portanto, uma publicação oficial. A folha era editada e censurada pelos ministros e pelos diretores do periódico, gente de estrita confiança do rei. Nos anos seguintes o periódico oficial mostrou-se mais do que apenas um veículo de interesses políticos, ele passou a interagir com o cotidiano da cidade e adotou princípios que permaneceriam orientando a imprensa brasileira, como: ser um instrumento político, mas também um espaço de comunicação coletiva e de participação social.

A permissão para o funcionamento da imprensa brasileira, conseqüentemente, só aconteceu no início do século XIX com a chegada da Corte ao Brasil. Até então nem imprensa havia por aqui. O Brasil era uma série de cidades litorâneas isoladas, com uma ou outra povoação importante no interior. As comunicações entre as cidades brasileiras eram precárias e dependiam de navios ou de correios a cavalo.

Em 1827 foi instalado um serviço regular de vapores entre o Rio de Janeiro e Santos; em 1839, todas as províncias marítimas eram ligadas por navegação a vapor. Essa circunstancia ajudou a imprensa brasileira que estava nascendo.

Se o desenvolvimento das comunicações entre as cidades brasileiras no século XIX era precário, que dizer do desenvolvimento feminino que, além das dificuldades circunstanciais da colônia, ainda seguia os costumes portugueses de forte influencia moura? Segundo os costumes portugueses a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa; ela vivia cozinhando e fazendo rendas e, raramente, os pais permitiam as filhas estudarem sob a alegação de que elas poderiam manter correspondências amorosas não consentidas. O hábito de mandar as filhas às escolas só foi absorvido pelas famílias de posses por volta da metade do século XIX. Se à época os homens letrados eram poucos, as

mulheres alfabetizadas formavam um número muito reduzido.

A Europa, já no século XVIII, tinha uma imprensa feminina que desempenhava um importante papel. No Brasil, todavia, o início da imprensa feminina só foi acontecer na segunda metade do século XIX. Nesse período surgiram em algumas cidades brasileiras periódicos audaciosos editados por mulheres. Um bom exemplo é *O Jornal das Senhoras*, dirigido por Joana Paula Manso de Noronha, uma argentina que, separada de seu marido, um compositor e violonista português, viveu no Rio, aonde lecionou, colaborou com jornais e publicou vários trabalhos literários. O primeiro número de *O Jornal das Senhoras* foi lançado no Rio de Janeiro em 01 de janeiro de 1852, era editado todos os domingos com o subtítulo de: "modas, literatura, belas-artes, teatro e crítica".

No primeiro número do jornal Joana Paula explica seus objetivos e diz suas intenções: "(...) propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher". (VASCONCELOS, Eliane, 1999. p. 228.) Para atingir seus objetivos Joana Paula convidou todas as senhoras interessadas em tais fins para enviarem e/ou apresentarem produções literárias de sua autoria. Segundo a redatora do jornal, a colaboração poderia ficar no anonimato a depender do desejo da autora. Tal estratégia autoral do feminino nos aponta, claramente, para a dificuldade enfrentada pelas mulheres escritoras para serem aceitas no espaço jornalístico, tido, ainda hoje, como eminentemente masculino. O cultivo das letras não era bem visto para a mulher oitocentista brasileira. Por essa razão a necessidade de tornar opcional o anonimato nas matérias enviadas para *O Jornal das Senhoras*.

Partindo do fato acerca do anonimato autoral feminino e da desaprovação social do cultivo das letras pelas mulheres, merece destaque a seguinte reflexão: já na cultura oitocentista brasileira havia uma clara consciência feminina

e feminista acerca da condição da mulher brasileira como cidadã de segunda classe nas relações de gênero ou seja nas relações de poder. Chama-nos a atenção, particularmente, no que concerne a exposição do nome da mulher no espaço público, o da imprensa nacional. Consciência essa tão bem expressa por Joana Paula no primeiro número de *O Jornal das Senhoras* ao escrever:

Ora pois, uma senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando em diferentes jornais.

Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade? (VASCONCELOS, Eliane, 1999. p. 229)

O Jornal das Senhoras sob a direção de Joana Paula, todavia, não teve vida longa. Após 6 meses sob a sua orientação este periódico passou a ser dirigido por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar, passando no ano seguinte para outra mulher, Gervásia Numésia Pires dos Santos Neves, circulando até 1855.

À medida que o século XIX transcorria com transformações e mudanças profundas na vida social e política brasileira a luta das brasileiras pela emancipação moral da mulher branca, escolarizada e classe média crescia. Pois as mulheres, ditas feministas, eram alvo de descrédito em suas lutas pela emancipação e a imprensa nacional, dominada pelo poder masculino, publicava artigos grotescos e maledicentes, ilustrados com caricaturas irônicas acerca das reivindicações emancipatórias da mulher brasileira. (Anexo: Ilustração 2)

A título de elucidação do argumento vejamos o artigo "*Com as damas*", publicado em 1886 na *Revista Ilustrada*, uma das publicações mais importantes do país à época, comandada por Ângelo Agostini:

Não será da nossa parte que as legítimas aspirações do sexo gentil, da mais simpática e apreciável metade do gênero, encontrarão qualquer embaraço, por mais insignificante que seja, à sua justa expansão. Confiamos muito no bom senso e na inteligência servida pela educação para reear que as mães, as irmãs e as esposas, abandonando a serenidade dos lares, se atirem à política e aos *meetings*, obrigando-nos a velar pela cozinha e pelos recém-nascidos. Não! A mulher manter-se-á na órbita que lhe convém e, se alguma exceção houver, estamos certos que esse papel ficará reservado às sogras". (SOIHET, Raquel, 2004, p. 14)

A emancipação feminina, portanto, era vista pelos mais diversos setores sociais e tendências políticas como uma grave ameaça à organização estabelecida, e o predomínio masculino encontrava legitimidade de ação até no pensamento científico da época. A filosofia considerava que a inferioridade da razão entre as mulheres era fato incontestável, cabendo a elas apenas cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais, isto é, obedecer ao marido e cuidar dos filhos. A medicina do século XIX afirmava que a fragilidade, o recato e o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais eram características biologicamente femininas, assim como a subordinação da sexualidade ao instinto maternal. Em oposição, o homem somaria à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional, e uma sexualidade sem freios.

Diante do quadro das mentalidades oitocentista os contornos da imprensa feminina foi definida pelo sexo. Isto é, a imprensa feminina é um conceito definitivamente sexuado: o sexo de seu público faz parte de sua natureza. Desde que surgiu no mundo ocidental, no fim do século XVII, já trouxe a destinação às mulheres no próprio título do jornal – *Lady's Mercury* – prática a persistir até hoje. A começar pelo nome, a maioria das publicações, programas de rádio e TV femininos indicam claramente para quem se dirigem.

As mulheres escritoras do último quartel oitocentista

foram muito perspicazes no tratamento lingüístico dispensado ao texto impresso. Isto é, na ânsia de se ajustarem as demandas e as expectativas sócio-culturais vigentes à época, serem lidas e entendidas por um público leitor feminino, elas recorreram à estratégia da feminização da linguagem na imprensa através do que passo a denominar "convencimento inocente". Isto é, elas, as cronistas, utilizaram o tom coloquial em seus escritos e através deste tom desprezioso a voz autoral estabelecia uma comunicação persuasiva, além de um laço de proximidade afetiva que quebrava o distanciamento da impessoalidade na folha impressa e convencias suas leitoras pela estratégia da sedução lingüística. Por exemplo: "Você minha amiga ..." traz uma imposição sub-reptícia; a leitora aceita muito mais facilmente a ação que vem sugerida logo adiante. Tal abordagem é bem diferente daquela que utiliza as formas verbais imperativas, como: "Faça", "Olhe", etc.. pois esta diminui a faixa de liberdade da leitora.

A segunda metade do século XIX será o palco privilegiado das mulheres brasileiras escritoras se lançarem no jornalismo e/ou no mercado editorial determinadas a resistirem aos poderosos instrumentos de intimidação moral e/ou sexistas lançados pelos guardiões da sociedade patriarcal brasileira a qualquer mulher-escritora que se aventurasse pelo território masculino da escrita.

A título de mais um exemplo emblemático de mulheres escritoras oitocentista trago a carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), filha de portugueses que se estabeleceram na cidade do Rio de Janeiro e gozaram de prestígio e de uma reputação inabalável.

Júlia Lopes de Almeida iniciou sua vida jornalística e literária colaborando, esporadicamente, com crônicas para a *Gazeta de Campinas* em São Paulo. Seu primeiro texto foi publicado em 07 de dezembro de 1881 sobre a visita da declamadora GEMMA CUNIBERT, à Campinas. Gostaria de ressaltar, no texto inaugural da autora em tela, seu tom de

humildade demonstrando um profundo reconhecimento da impropriedade da sua pessoa em estar ali, ocupando um lugar que não lhe era adequado:

“Senhor redator, venho trêmula pedir-lhe o braço para que me apresente em público (...). Desculpe-me (...) para com todos que me lerem do mal tecido da linguagem com que escrevi essas linhas (...) abusando da concessão de um cantinho no seu jornal. Quero que me dispense toda a sua indulgência (...) e me alcance o favor de seus leitores, dizendo-lhes que o influxo do anjo que ora me leva à imprensa, não se repetirá talvez em toda uma longa vida”. (ALMEIDA, Júlia Lopes de. Gemma Cunibert, 1881, s/p)

Felizmente o influxo do anjo que levou Júlia Lopes à imprensa nunca passou e por ironia, foi a partir desta experiência de escrita jornalística que ela, Júlia Lopes, nunca mais parou de escrever, chegando a se automear “uma profissional das Letras” em várias de suas crônicas quando a ocasião se fez necessária, a exemplo de uma contenda pública que teve com o então prefeito da Cidade Maravilhosa quando este quis derrubar o Morro de Santo Antonio: “ (...) o morro de Santo Antonio só não foi arrasado pela oposição levantada por ela na imprensa; (...)” (UM ASPECTO inédito da personalidade de D. Júlia Lopes de Almeida. 1939, s/p)

Merece ainda destaque especial a estratégia usada por Júlia Lopes de Almeida em dois momentos da sua atuação jornalística. O primeiro aspecto curioso a apontar reside na sutileza capciosa da sua prosa narrativa, aliada ao tratamento dispensado aos temas por ela desenvolvidos em seus artigos jornalísticos que depois se tornaram livros a exemplo dos manuais, *Livro das Donas e Donzelas* (1906) e *Livro das Noivas* (1896). Ambos dirigidos as mulheres burgueses, aristocratas, detentoras do poder de influenciar outras mulheres a partir de suas experiências de leitura.

Havia nas produções de Almeida um propósito, isto é, ela escrevia com um público alvo à sua frente, as cariocas

burguesas e os valores do patriarcado. Ela negociava constantemente com estas duas vertentes para manter sua inserção em um espaço de difícil penetração como era e é, ainda hoje, a imprensa. Para isto é bastante esclarecedor o depoimento que Brito Broca faz acerca da entrada de Júlia Lopes na imprensa carioca: "Quando Júlia Lopes de Almeida entrou a escrever nos jornais por volta de 1885, encontrou ainda forte barreira de preconceitos contra as mulheres escritoras (..)" (BRITO BROCCA, 1960. p. 252) Todavia, ela conseguiu se manter na imprensa até o fim da sua vida, pois era muito respeitada e desenvolveu uma independência política e emocional á media que foi amadurecendo, recebendo reconhecimento público do valor de suas idéias e por fim assumindo seu lugar de " profissional das Letras" em um país de analfabetos.

A coluna DOIS DEDOS DE PROSA que manteve no jornal *O País* por mais de 30 anos é uma prova inconteste da atuação e do mérito dessa mulher-escritora na imprensa oitocentista brasileira. Além disso, seus manuais foram lidos e relidos pela burguesia carioca e se tornaram um tipo de leitura obrigatória na formação das moças de família. Eles ainda funcionaram como um tipo de carro chefe na divulgação da prosa romanesca de Júlia Lopes, assim como no reconhecimento desta como uma escritora até mesmo por seus pares, os escritores.

Se tivéssemos mais espaço poderíamos nos alongar acerca desse assunto tão palpitante, mas paro por aqui deixando aos pesquisadores da imprensa de cunho feminino-feminista uma reflexão. Embora pouco estudada nos Cursos de Comunicação no Brasil, seja enquanto processo de produção, seja enquanto análise das publicações que a constituem, a imprensa feminina é um dos assuntos mais estimulantes para pesquisa, devido às suas articulações sociais, econômicas, e culturais que estão implícitas em sua estruturação. Além disso, ela constitui um mercado de trabalho em permanente expansão, com inúmeros produtos surgindo a cada ano, às vezes sob formas bastante novas.

Referências

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. Gemma Cunibert, *Gazeta de Campinas*, Campinas, São Paulo, 07 de dez. de 1881. s/p.
- BRITO BROCCA (1960). *A vida literária no Brasil- 1900*. 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- BUITONI, Dulcília S (1986). *Imprensa feminina*. São Paulo: editora Ática. (Série Princípios)
- NOSSA HISTÓRIA, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, janeiro de 2004.
- REVISTA de história da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano III, nº 28, janeiro de 2008. (edição especial).
- SOIHET, Raquel. Pisando no sexo frágil. *Nossa historia*, ano 1, nº 3, janeiro de 2004, p. 14-20.
- UM ASPECTO inédito da personalidade de D. Júlia Lopes de Almeida. *A Gazeta*, São Paulo, 09 jun. 1939. s/p.
- VASCONCELOS, Eliane. Joana Paulo Manso de Noronha. In: MUZART, Z. L (org) (1999). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Vol. I. Florianópolis: Ed. Mulheres / EDUNISC. p. 228-249.

ANEXO

Ilustração 1: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano III, nº 28, janeiro de 2008, p. 82.

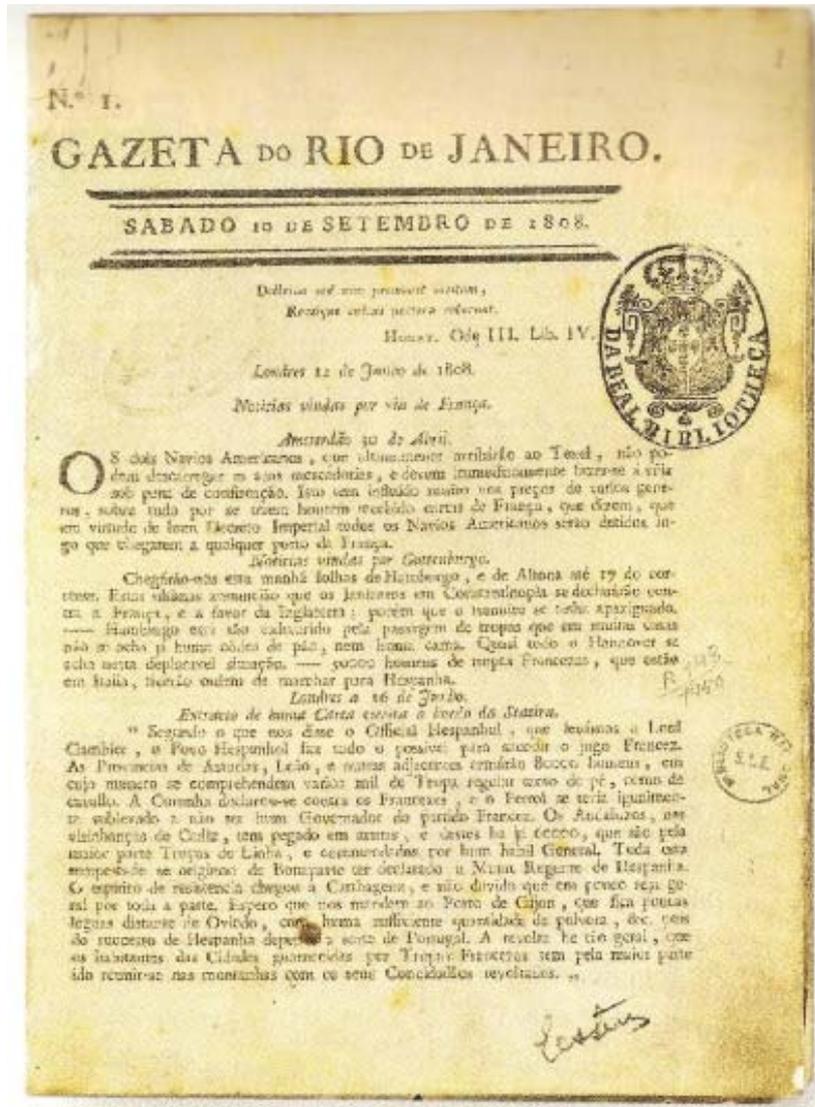
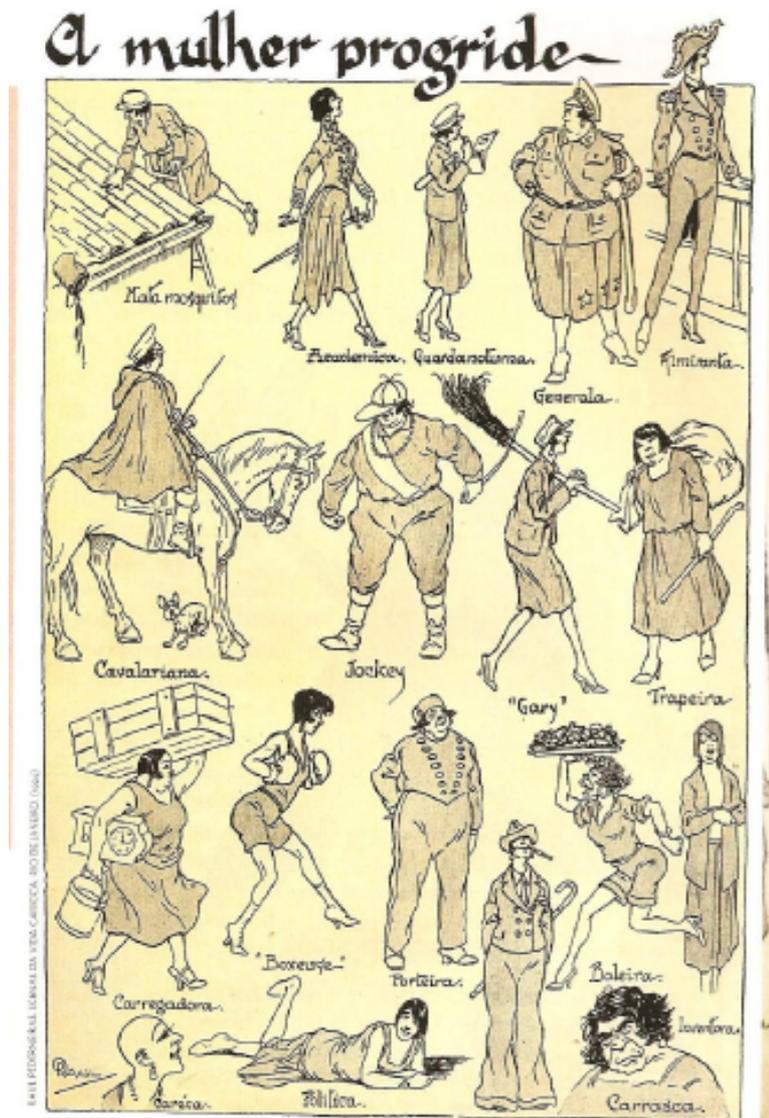


Ilustração 2: Imagens ridicularizando o feminino, veiculadas pela imprensa oitocentista. (*Nossa historia*, ano 1, nº 3, janeiro, 2004, p. 14-20)



2.1

Ilustrações mostrando como a imprensa ridicularizava a luta feminista



2.2



2.3

2.4



2.5



